

## COTOVELO

Acordo e bato com o cotovelo  
na cabeceira da cama  
Como é que eu estava deitada?

Sentada no escuro  
fazendo perguntas  
a mim mesma  
foge-me o pensamento para  
aquelas três figuras que  
por uma vez  
despertaram em mim um sentimento,  
uma comoção verdadeira,  
ou, pelo menos  
foi o que pensei então  
quando se deu  
o caso  
que me serviu de exemplo

Açúcar, tabaco, café,  
os três irmãos que eu conhecera ainda jovem  
no Brasil  
e que  
sem nunca mais ter pensado  
em nenhum um deles  
reencontraria  
já adulta  
e casada, quase comprada  
na corte de Lisboa

Os três irmãos mais unidos  
que se possa imaginar  
embora não fossem  
irmãos naturais  
tidos e criados pelo mesmo amo  
irmãos de criação  
a quem o rei prometera alforriar um dia  
e que por causa de  
uma cena de ciúmes  
dos três um levanta-se,  
atira a cadeira ao chão  
tira do caminho o irmão e  
vai e  
zás  
espeta no outro a navalha

espeta-lhe a faca no coração

Acordo e bato com o cotovelo  
na cabeceira da cama  
Como é que eu estava deitada?

Café, açúcar, tabaco  
na corte brincávamos que  
só faltava o chocolate.  
Onde está o cacau?  
Hoje sei que fazia parte da humilhação da corte  
brincar com os nomes que lhes dávamos.

Que terá acontecido  
depois dessa facada?  
Fugiram para fora de Lisboa?  
Foram juntos, ou separados?

Se hoje um deles  
entrasse por esta porta  
seria reconhecido por mim?  
E qual deles seria?  
Qual deles terá sobrevivido?  
Qual deles viria ter comigo?

Magro, bonito e sozinho,  
Café era o meu preferido dos três,  
aliás era o preferido de todas,  
como aliás era o odiado por todos,  
em especial o meu marido

Ele dava muito prejuízo para escravo  
Mais que os outros, é verdade,  
mas quem quer ter escravos  
que os sustente

Estou há mais de meia-hora  
a pensar no que ele disse  
— “Você nunca me contou isso.”

Se estou a pensar nestas coisas todas ao mesmo tempo, deve haver um motivo

Sou quase viúva do meu marido

Quando D. João VI regressou a Portugal,  
trouxe consigo os três escravos a quem

prometera liberdade,  
e que entretinham a corte com  
as suas imitações de homens portugueses  
Os três pintavam a cara de branco e  
usavam velhas perucas  
jogadas fora pelos senhores e senhoras  
Tabaco vestia-se de mulher  
punha um hábito de monja para  
revelar os suspiros e gemidos que  
se ouviam para lá das grades dos conventos  
Gemidos e suspiros que toda a gente conhecia  
de cor e salteado  
Café tangia guitarra,  
Açúcar cantava o fado

Nas atuações as crianças  
mimadas e impertinentes,  
e alguns adultos, gritavam,  
para gáudio dos velhacos:  
— “Falta o Chocolate! Onde está o Chocolate?”  
— “Quando vem o Cacau?”  
— “Cacau foi alforriado! Amanhã seremos nós!” — respondiam os escravos, em coro,  
fazendo a plateia gargalhar,  
tirando a pequena parte que sorria  
que sabia  
que o amanhã está mais perto que o ontem

Eu dava-lhes sempre água  
Aos três por igual  
Eles comigo mal falavam  
O que eu sabia dos três  
era por vê-los suplicar  
por trás dos troncos floridos de camélias  
Eu não conseguiria escolher um  
nem para salvar  
nem para castigar

Só quando começaram a respirar  
a trincar pão e beber vinho  
começaram a falar entredentes  
sobre o que estavam a pensar

Estou há mais de meia-hora a pensar  
no que ele disse  
no que ele disse  
que eu disse

que ele disse

que...

— “Você nunca me contou isso.”

Vende-se uma preta, de meia idade, da casa de família, sabendo cozinhar, lavar e engomar, sem vícios. Negócio decidido; na rua do Ouvidor, n. 156.

Vende-se um bom moleque, de 19 anos, perfeito maquinista; informa-se na rua de São Pedro, n. 26.

Vende-se um preto, moço, sabendo trabalhar em máquinas a vapor; trata-se na rua de São Bento, n. 48.

Vende-se uma preta, perfeita em todo serviço, por preço barato, por levar dois ingênuos; na rua dos Andradas, n. 27, loja de calçado.

Vende-se um pardo de 25 anos, acostumado na lavoura e sadio; na rua dos Andradas, n. 27, loja de calçado.

Vende-se, de casa particular, uma pardinha clara de 13 anos de idade, muito galante, com princípios de todo serviço doméstico; informa-se, por favor, em casa de família, à rua do Lavradio, n. 63, 1º andar.

Vende-se, por 1800\$, uma preta de 30 anos, ótima cozinheira, com dois filhos, sendo um ingênuo de 6 anos, e um escravo de 10 anos, moleque bonito; na rua da Alfândega, n. 117.

Vende-se a casa da rua de D. Minervina, n. 2<sup>A</sup>; trata-se no armazém da rua de Machado Coelho, n. 1<sup>A</sup>.

Vende-se, nos subúrbios da cidade, uma grande chácara, em terreno próprio, toda arborizada, com 30 braças de frente e mais de 70 de fundos, boa casa...

Não se ouve nada

venham logo as badaladas

logo a última hora

para eu me levantar

e poder sair deste quarto

quase viúva, viúva de vez

Quando chegaram a Lisboa,

a miragem de tantos pretos alforriados,

ou vivendo como libertos apesar de escravos,

fez o grupo dividir-se.

Açúcar vivia pelas tabernas,

juntando-se a qualquer roda de lundu.

Quando chegava ao barracão, trôpego, para dormir,

Tabaco não deixava de o recriminar:

Tinham de manter os favores da corte,

tinham de ficar por perto.

Café assistia, calado, e de vez em quando reagia,

encolhendo os ombros e jogando:

— “De que adianta? O rei tem de morrer!...”

Por causa de

uma cena de traição  
um deles levanta-se,  
atira a cadeira ao chão  
tira do caminho o irmão e  
vai e  
zás e  
dando o exemplo  
espeta no outro a navalha  
espeta-lhe a faca no coração

Enquanto foi verão, tudo correu bem.  
Mas quando chegou o inverno,  
os negros passaram mal.  
Tabaco tinha amealhado e  
usava as moedas que recebera  
para prover os outros dois.

Café ficava quieto.

Mas Açúcar caíra de cama.

— “Queremos o Açúcar!” — gritou um branco, quando eles tiveram de atuar sem a presença do tocador.

— “Onde está o Cacau?”

— “Queremos o Açúcar!”

— “Onde está o Cacau?”

Tabaco não achou graça nenhuma, e enfiou pela goela do outro uma mezinha, recomendada pela própria rainha,  
tão forte que o enfermo entrou em convulsões e espasmos capazes de assustar crentes e não crentes, senão o próprio diabo.

Ao fim de uma noite suada estava são.

São, são, são.

Prometeu não mais faltar a nada.

Nada, nada, nada.

E cumpriu:

a partir desse inverno,

Açúcar tornou-se um cantador fulgurante.

O Lundu tomou a corte.

A saúde de Açúcar impressionava,

e o brilho do seu rosto

lustrado pela adoração da corte

fazia com que já não parecesse nem preto nem branco.

Café namorava as copeiras, enquanto tangia a guitarra.

Tabaco pintava a cara, vestia a casaca, repetia as piadas.

Mas quem brilhava no salão era Açúcar.

Nessa primavera, tudo girava em torno do escravo folião.

Quando chegou o inverno,  
Açúcar não adoeceu.  
Pelo contrário, foi chamado pelo rei para acompanhar a corte com a princesa, que se casaria em Espanha.

Café finalmente falou.  
Onde estava o desejo de subversão?  
Açúcar se convertera,  
era quase branco na terra dos brancos,  
deixara de pintar a cara para denunciar o inimigo.

Tabaco não aguentou o ciúme e espetou uma navalha no irmão.

Os três irmãos mais unidos  
que se possa imaginar  
embora nem todos fossem  
irmãos de verdade

Tabaco levanta-se,  
atira a cadeira ao chão  
tira do caminho um irmão e  
vai e  
zás e  
dando o exemplo  
agarra o outro  
pelo ciúme  
contra a traição  
espetá-lhe a navalha no coração

Estou há mais de meia-hora a pensar no que ele disse  
no que ele disse que eu disse que ele disse que...  
— “Você nunca me contou isso.”  
meia-hora ou mais

não se ouve nada  
venham as badaladas logo  
para eu me levantar  
e poder sair deste quarto logo

Acordo e bato com o cotovelo na cabeceira da cama  
— “Você nunca me contou isso.”

Se estou a pensar nestas coisas todas ao mesmo tempo deve haver um motivo

Qualquer coisa que ainda não percebi

Acordo e bato com o cotovelo na cama

e qualquer dia quem  
seguindo o exemplo  
quem  
quase enviúva  
quem lhe espeta uma faca no peito  
sou eu

Somos ou não somos  
a favor da abolição?  
A minha pele quase branca  
colada à pele quase preta  
rodando pelo salão afora  
deixou-o cego de ciúmes

Será que depois encontraria na prisão  
alguma das três figuras  
o próprio Cacau que, alforriado, se terá intrometido numa rixa entre brancos e pretos  
no fim de um lundu  
e eu fechada numa cela  
como esta

Como é que eu podia escolher um dos três?

Café puxava-me para dançar  
Tabaco fazia a guitarra cantar  
Açúcar dizia versos  
todos para me subornar  
entrar na cozinha  
comer mais, beber  
vinho  
água  
antes  
eu dava-lhes sempre água  
começamos a falar em Portugal  
quando começaram a respirar  
a ter pão e vinho à socapa

não era eu quem os procurava  
não posso ser eu a causa da fúria  
por que tenho de sentir o efeito dela?  
posso juntar-me a eles,  
mais que ao meu amor?

fui prometida ao amor  
e casada com o ciúme  
quero ser escrava liberta deste ódio  
ter carta de alforria desse ciúme

venham logo as últimas badaladas  
soar o último suspiro do meu marido  
para expirar o prazo do meu castigo  
e ser viúva de vez

juntar-me na sentença aos três irmãos  
mais unidos  
que se possa imaginar

por causa de  
uma cena de ciúmes  
uma traição  
levanto-me  
vou  
atiro a cadeira ao chão  
expio a pena de vez  
espeto-lhe a faca no coração